

# FMI arrasa Carlos Costa: BES preocupava desde 2011, mas BdP sossegou Bruxelas e Governo

Uma auditoria independente à actuação do FMI durante o programa de ajustamento acusa o Fundo de ter visto os bancos como "vítimas" e não como base do problema. Autores deixam muitas críticas ao Banco de Portugal e Carlos Costa defende-se em carta.



Miguel Balt

bankinter.



**Nuno Aguiar** [naguiar@negocios.pt](mailto:naguiar@negocios.pt)  
28 de Julho de 2016 às 20:48

É uma espécie de autópsia. Morto (ou terminado) o programa de ajustamento, um departamento Internacional (FMI) decidiu avaliar o que correu bem e o que correu mal durante os quatro anos d em Portugal. Um dos principais problemas foi identificado no sistema financeiro.

Sobre o BES, as referências não são nada simpáticas sobre o Banco de Portugal. "Técnicos do Dep: do FMI, antigos funcionários da Comissão Europeia e do Governo português argumentaram em e começaram a ter dúvidas sobre a saúde financeira do BES logo em 2011, mas receberam repetidas de Portugal e portanto não investigaram mais o assunto", pode ler-se no documento, publicado l Departamento de Avaliação Independente do FMI, assinado Nicolas Véron, investigador do Brueg que havia muitas notícias na comunicação social em Dezembro de 2013, que já apontavam para u problemática no BES.

LEIA TAMBÉM

[Carlos Costa: "Parecer crítica BdP por ter convencido FMI"](#)

As consequências foram graves: "Se o FMI tivesse insistido para que o problema do BES fosse abordado de forma mais assertiva no final de 2013 ou início de 2014, o custo público da resolução [do banco] seria certamente inferior e pelo menos algumas das controvérsias teriam sido evitadas", acrescenta Véron.

LEIA TAMBÉM

[FMI fez projecções demasiado optimistas para Portugal e Grécia, diz avaliação interna](#)

Em anexo ao documento, foi publicada [uma carta de Carlos Costa](#), em que o governador do Banco de Portugal responde a estas críticas, que considera "enganadoras". "No caso específico do BES, são feitas acusações graves, enganadoras e não sustentadas sobre a acção de supervisão do Banco de Portugal", defende-se Carlos Costa,

CRÉDITO HABITAÇÃO

**Transferir o crédito? Este é o momento. E este é o Banco.**

Supporte total dos custos\*\* de transferência de crédito com taxa variável no Banco de origem.

TAEG\* **4,7%**  
Sem vendas associadas

---

Spreads desde **0,85%** | TAEG\* **4,3%**

Pressupondo a subscrição e manutenção dos Seguros Vida e Multiriscos, e a domiciliação de Ordenado, no Bankinter.

SIMULE JÁ

explicando que a elevada exposição do BES ao Grupo Espírito Santo esteve sempre presente na avaliação que o Banco fez ao BES e deu mesmo origem a medidas de supervisão, como a exigência de rácios de capital mais elevados.

## FMI não quis antagonizar Banco de Portugal

LEIA TAMBÉM

[FMI sobre Portugal: endividamento aumentou porque credores sabiam que seriam resgatados](#)

Outra crítica feita neste exame está relacionada com a relutância do Banco de Portugal em autorizar uma avaliação externa e independente da qualidade dos activos detidos pelos bancos portugueses. Em vez disso, as equipas do FMI trabalharam lado-a-lado com o BdP para desenhar um mecanismo de avaliação próprio. "A opção de usar um avaliador externo com um mandato abrangente [...] teve a oposição resoluta e efectiva do BdP", pode ler-se no documento. Essa via "foi abandonada depois de debate interno no Departamento Monetário e de Mercados de Capital do FMI, tendo por base o facto de o BdP ser um supervisor de confiança e antagonizá-lo neste tema diminuiria a assunção de responsabilidade pelo programa."

LEIA TAMBÉM

[Autor do estudo encomendado pelo FMI desmente Carlos Costa](#)

Carlos Costa também rebate este argumento, apontando que o modelo de avaliação dos activos foi acordado com todas as partes envolvidas e que foi bem-sucedido no exame do balanço dos bancos.

De uma perspectiva mais geral, o governador do Banco de Portugal considera que o relatório publicado pelo FMI contém "sérios erros factuais" e usa artigos de jornais como base de partida para tecer críticas, o que é "inapropriado" e resulta em "alegações graves e parciais". Em suma, "falta-lhe rigor" e é "altamente especulativo", frisa.

LEIA TAMBÉM

[Nicolas Véron: "Oportunidade para recuperar a solidez da banca foi perdida"](#)

## FMI viu banca como "vítima e não parte do problema"

LEIA TAMBÉM

[Nicolas Véron: "Banco de Portugal disse que não havia necessidade de investigar o BES"](#)

De referir uma outra crítica feita por Nicolas Véron. Neste caso, o alvo não é o Banco de Portugal, mas o próprio FMI. O documento sublinha que a actuação débil do Fundo no que diz respeito ao sector financeiro resultou de factores "ideológicos, políticos e práticos". No centro do problema de avaliação está aquilo que o autor classifica como "um preconceito relacionado com a percepção de que a crise portuguesa era "essencialmente orçamental" e que não estava relacionada directamente com as vulnerabilidades do sector financeiro". Um preconceito que, segundo Véron, pintava o sector privado "como uma vítima e não como o problema" pelas dificuldades nacionais.

C•STUDIO 

[Esta fábrica em Setúbal conta com elevada tecnologia e precisão em construção civil](#)

[Empresas dos Açores mostram a garra atlântica no padel](#)

[Intermediário de crédito de sucesso celebra 16 anos](#)

[10 produtos de beleza essenciais para uma pele jovem e hidratada](#)

[Os sete destinos que não deve perder em 2023](#)

[Os gadgets mais incríveis da CES em Las Vegas](#)

